

A MEDICINA EGÍPCIA E A INFLUÊNCIA DAS CRENÇAS RELIGIOSAS NO TRATAMENTO TERAPÊUTICO NO ANTIGO EGITO

Bruno Lira da Silva¹; Emmanoel de Almeida Rufino²;

¹Instituto de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba (Campus João Pessoa). e-mail: brunollira91@gmail.com;

²Instituto de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba. (Campus João Pessoa). UFPB. e-mail: emmanoel.rufino@ifpb.edu.br

Resumo: O foco analítico deste estudo é a medicina do Egito Antigo, seus registros e suas crenças milenares, com o objetivo principal de explorar o império Egípcio e apresentar seus costumes para que possam contribuir na formação acadêmica do discente, a partir de escritos dessa civilização. Diante disso, é desenvolvida uma investigação acerca das crenças mitológicas, partindo de obras como o Papiro Ebers e livros que abordem a temática, e os aspectos da religião egípcia, como a crença na vida após a morte e a prática da conservação do corpo responsável por incentivar os estudos da anatomia humana e, assim, o surgimento da medicina egípcia. Abordamos, então, a relação científica com a superstição religiosa. Houve então dois tipos de trabalhos uma empírico-mágica e outro empírico-racional?. Em uma cultura em que ciência e magia estão ligadas em uma relação de dependência, em que suas doenças são personificadas como obra dos espíritos maus ou dos deuses, conclui-se que a magia e a medicina contribuíram para a terapêutica. A dinâmica dessas duas áreas traz uma interessante relação em seu desenvolvimento numa cultura milenar que deixou seu legado para a posteridade. Sendo assim será apresentada a dinâmica relação da medicina com a religião dentro do contexto antigo e como essa dinâmica relação modificou e pensamento do homem, e interferindo no processo do desenvolvimento da medicina antiga, trazendo mudanças nas técnicas médicas e aperfeiçoando as mesmas, se utilizando de crenças religiosas que o Egito desenvolveu durante as varias dinastias que passaram por diversas mudanças durante cada dinastia.

Palavras-chave: anatomia, crenças, deuses, papiro de ebers.

INTRODUÇÃO

A medicina no Egito Antigo foi desenvolvida de forma indissociada das práticas religiosas em uma cultura profundamente influenciada pelas crenças, buscando ter soluções para problemas práticos, com a manipulação de substâncias químicas, que deram origem à prática da medicina, e criaram uma gama muito rica e diversificada de medicamentos, enriquecendo sua farmacopeia. Na medicina era comum a mumificação dos mortos, os egípcios acreditavam que os mortos poderiam ressuscitar e voltar a habitar o corpo. Daí o embalsamento e todas as técnicas de preservação do corpo. Os egípcios desenvolveram bem a anatomia, o que exigia práticas médicas que garantissem sua conservação, e o conhecimento da anatomia para a preservação do corpo, como podemos ver no bom estado de conservação das múmias. Associada à utilização de técnicas para a retirada dos órgãos os egípcios passaram a conhecer a anatomia humana, possibilitando o desenvolvimento da

medicina especializada em áreas específicas do corpo, como por exemplo: olhos, cabeça, dentes, fígado e intestino.

Dessa forma, a mumificação permitiu que os egípcios desenvolvessem as técnicas cirúrgicas e os instrumentos utilizados pela medicina naquele período, podendo ser reconhecidos por qualquer cirurgião do século XXI. Os procedimentos e técnicas, que são relatados com riqueza de detalhes no Papiro de Smith entre 2600 e 2400 AEC., materiais com alto valor científico em relação aos outros papiros médicos egípcios, transmite claramente a crença religiosa, já que não se acreditava que doenças eram causas naturais da vida e sim causadas por obras de espíritos malignos ou dos deuses. Sendo assim, é comum o uso da magia associada à religião, e muitos desses testemunhos são encontrados nos Papiros médicos egípcios, como o Papiro de Ebers e o Papiro de Berlim, que descrevem rituais mágicos e encantamentos os quais deviam ser feitos para que demônios causadores de doenças fossem afastados, uma clara influência da religião no tratamento supersticioso dos médicos egípcios.

Os egípcios consideravam a doença como obra dos deuses ou dos espíritos malévolos, o que justifica o recurso à magia. Isso também explica por que alguns dos remédios relacionados no Papiro de Ebers, por exemplo, mais parecem feitiço do que prescrição médica (EL-NADOURY, 2010, p. 138).

Havia uma variedade de mitos que possibilitaram a mente se conectar com o transcendente para obtenção da cura mental, espiritual e emocional, ligadas ao espírito e à alma, e também o uso da medicina para o tratamento terapêutico do corpo físico. Portanto, dessa maneira, a cultura do Egito Antigo conseguiu usar suas crenças para tratar ferimentos, tanto físicos como mentais, há milênios e, a partir disso, tornou-se rica no tratamento da alma e do corpo. Agregava-se na maioria das dinastias, um deus a áreas específicas, o qual era encarregado de um domínio, como por exemplo, Thoueris: um hipopótamo que assegurava a fertilidade e partos sem perigo.

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Estudo bibliográfico do tipo retrospectivo, em que foi realizada uma investigação, por meio de fontes históricas, com o objetivo de descrever e comparar a medicina dos médicos do Egito Antigo e suas crenças religiosas.

MÉTODOS.

A coleta de material bibliográfico foi obtida de livros do acervo da Biblioteca Nilo Peçanha do IFPB, campus João Pessoa, no ano de 2016. Foram utilizadas diversas fontes de pesquisa, tais como sites, vídeos, que serviram de base para o desenvolvimento do referente artigo. Foram consultados os trabalhos desenvolvidos anteriormente, que envolvem a temática do Egito Antigo e a medicina, e com isso foi possível coletar uma quantidade de informações suficientes, para a criação de uma visão clara do conhecimento existente sobre a medicina no Antigo Egito/anatomia/técnicas cirúrgicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A medicina é uma ciência e uma arte muito antiga. A arte de cuidar, preservar e restaurar a vida é tão antiga quanto a ciência que estuda cada enfermidade física e remonta ao Antigo Egito, que deixou registrada a existência de uma autêntica medicina egípcia incentivada por crenças mitológicas cheias de divindades. Brotou assim, nos templos, entre os sacerdotes, a prática da medicina egípcia que evoluiu e se aperfeiçoou durante milênios, tornando-se o berço da medicina moderna.

O Egito Antigo possuía amplos jardins com variadas espécies de plantas medicinais que, com um solo rico de nutrientes trazidos pelo rio Nilo, serviam para fazer vários medicamentos e poções benéficas. A sua farmacopeia era muito ampla e variada em ervas medicinais, mas havia também as venenosas. No Papiro de Ebers, conhecido como o papiro do farmacêutico, estão descritas cerca de 700 a 900 fórmulas mágicas, drogas e descrições de tratamentos médicos, preservando um registro volumoso da medicina egípcia. Também contém vários encantamentos para afastar espíritos maus, causadores de males e doenças.

O papiro de Ebers estava cercado de crenças divinas e ensinamentos mágicos. Rá, o deus do Sol, era considerado o maior médico e preparador de remédios, e Thot, o deus do nariz grande, era responsável por curar doenças relacionadas ao nariz. Encontramos no papiro de Ebers a descrição de receitas que invocavam essas duas divindades.

Início do medicamento que Rá preparou para si mesmo”(segue-se uma longa mistura de ingredientes aparentemente juntados sem maior critério: mel, cera, coriandro e muitos outros intraduzíveis). Depois o texto continua literalmente: “Isto é para o afastamento da influência de um deus, de um morto, de uma morta, do dolorífico masculino e do dolorífico feminino em qualquer parte do corpo humano, de modo que comece imediatamente a passar melhor...” A fórmula a ser pronunciada era essa: “Defluxo, resfriado, filho do resfriado que quebra os ossos, destrói o crânio, de modo que as sete aberturas na cabeça dos súditos de Rá, que agora se voltam em oração a Thot. Veja que eu trouxe o medicamento contra ti... leite de quem pariu um menino, látex de agradável cheiro que te afasta... saia para

a terra, apodreça, apodreça quatro vezes. Que seja pronunciado sobre... o leite de quem pariu um menino... (THORWALD, 1990, p 50).

E, como os antigos povos egípcios não tinham conhecimento científico claro sobre o que causava determinadas doenças, recorriam a sortilégios para tratá-las. Algumas ervas encontradas são: zimbros, salgueiro, romã, erva-doce, lírio, colocíntida e loto. Uma erva chamada meimendo utilizada para como poção alucinógena que causava ilusões, alucinações e devaneios, muito usada para vencer a dor e o sofrimento.

Os egípcios, preocupados com os efeitos mortíferos nos enfermos, começaram a pesar e medir com precisão a quantidade usada de cada substância para o preparo de poções e passaram a ser os criadores da farmacologia exata. As frações foram expressas dissecando o olho do deus do Egito, Hórus, filho de Ísis e Osíris, que foi arrancado e rasgado em pedaços por seu irmão mal, Seth. Os hieróglifos, que os médicos egípcios usavam, eram figuras que indicavam medidas e essas partes do olho de Hórus, o deus egípcio da luz, quando juntas formam o olho completo de Hórus. “É interessante notar que os símbolos egípcios para as frações $1/2$, $1/3$, $1/4$, e assim por diante, originaram-se no mito de Hórus e de Seth, em que um dos olhos de falcão de Hórus foi arrancado e cortado em pedaços por Seth. Esses pedaços é que simbolizam certas frações” (EL-NADOURY, 2010, p. 139).

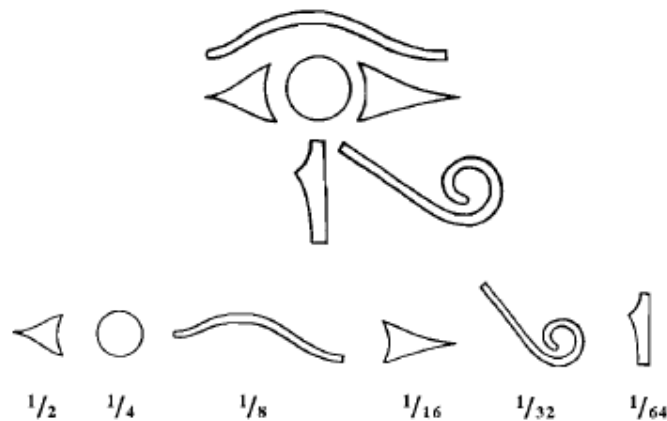


Figura 1. O olho de Hórus , abaixo dele , os hieróglifos para as frações da prescrição (olho de Hórus).

A prática da embalsamação dos corpos desenvolveu a medicina egípcia ao longo das dinastias. A preservação do corpo foi importante para a religião. Eles acreditavam que era necessário um corpo conservado para reencarnar na outra vida, o que necessitava de técnicas de preservação do mesmo, sendo os egípcios primeiros anatomistas da história da medicina, chegando

a desenvolver três técnicas de embalsamamento. Eram preservados também o fígado, o estômago e os intestinos em canopos, e esperavam que os deuses cuidassem de seus mortos. O Dr. Armand Ruffer, médico francês na época tinha trinta e quatro anos de idade na época em que foi visitar o Egito e descobriu dentro de um pulmão, que tinha vários milênios uma estatueta de uma deusa, confirmando que seus órgãos eram entregues aos cuidados dos deuses.

No decorrer dos tempos, formara-se entre os egípcios o costume de confiar a preservação de fígado, estômago, e intestino a certos espíritos ou divindades que cuidariam de seus mortos colocados nos canopos. Tratava-se, sobretudo, de Amser, de rosto antropomorfo, de Hapi que tinha cabeça de babuíno, e de numerosos outros deuses (THORWALD, 1990, p 39).

A ideia embalsamamento do corpo tem sua origem na crença da continuidade da vida após a morte e, para que alma e espírito continuassem a existir na outra vida, era necessário que seu corpo físico estivesse preservado. Eram colocados amuletos de proteção, como o escaravelho, que impedia que o coração se separasse do seu corpo; e o nó de Ísis, colocado no peito, para pedir segurança à deusa Ísis, etc. Ficavam junto ao corpo para que os deuses o protegessem. Sem essas crenças não haveria incentivo ou necessidade do estudo do corpo humano, assim, os egípcios que realizavam essa prática se tornaram anatomistas e cirurgiões. “Os egípcios que praticam o embalsamamento dos corpos, tenham sido também os primeiros anatomistas do mundo” (THORWALD, 1990, p. 75). Surgiu assim o estudo da anatomia e a especialização, médicos especialistas em atender uma única parte do corpo, como o nariz. Podemos constatar isso neste fragmento Heródoto, e sua viagem ao Egito, no qual registar essa experiência:

Quanto à medicina egípcia, existe esta organização: cada médico cuida de uma certa doença e não de várias. O país todo está cheio de médicos, pois há médicos para os olhos, outros para a cabeça, outros para os dentes, outros para o corpo e outros também para doenças obscuras (THORWALD, 1990, P. 26).

Essas classes de especialista em determinada parte do corpo fez com que se iniciasse a adoração a deuses que cuidam de partes do corpo ou da saúde como Rá o maior médico e preparador de remédios; Thot, deus do nariz grande; Imhotep, o deus da medicina; Duamutef (cachorro), que cuidava do estômago; Qebehsenuef (falcão), dos intestinos; Hapi (babuíno), dos pulmões; e Amset (humano), do fígado. Adoravam até mesmo a causadora de doenças, a deusa Sekhmet, a deusa da vingança e das doenças para os egípcios antigos.

Com os conhecimentos adquiridos com a mumificação desenvolveram instrumentos para as cirurgias, que foram sendo aperfeiçoados. “Foram sem dúvida os conhecimentos adquiridos com a prática da mumificação que permitiram aos egípcios o desenvolvimento de técnicas cirúrgicas desde os primeiros tempos de sua história” (EL-NADOURY, 2010, p. 137). Uma dessas técnicas foi a da amputação, em que eram usados analgésicos como, por exemplo, beber cerveja, meimendo e o ópio, um analgésico extremamente potente.

Os médicos tinham duas funções: a de médicos e sacerdotes. Assim podiam tratar o físico com a medicina e mente e alma com magia ou religião. No decorrer dos milênios os egípcios se preocupavam em desenvolver tratamentos e instrumentos médicos para suas enfermidades, com a presença dos antigos rituais mágicos. No papiro de Smith encontramos a descrição do coração e sua importância, no qual está escrito que o coração bombeia o sangue para todas as partes do corpo e todos os fluidos corpóreos; achavam que o ânus regulava todos esses fluidos no corpo e, para eles, o coração possuía sua personalidade. Quando se estava doente, sem feridas no corpo e sim na mente, os maus espíritos eram os responsáveis, e qual tratamento seria usado contra espíritos? Para isso usavam a magia e o paciente com esse problema mental ou emocional era levado ao templo para a sessão o sono, que durava toda a noite, e acreditava-se que Imhotep implantava sonhos e pela manhã os sacerdotes os interpretava.

Imhotep um polímata egípcio, é considerado o primeiro arquiteto, engenheiro e médico da história antiga. Tem seu nome lembrado até os dias de hoje, foi divinizado como um deus mesmo tendo muitos cargos, foram suas habilidades como médico que fez com que ele fosse divinizado, cinquenta anos depois de sua morte, estátuas e templos foram construídos. Deixavam oferendas em templos e altares para invocar Imhotep o deus da medicina que iria intervir em suas doenças.

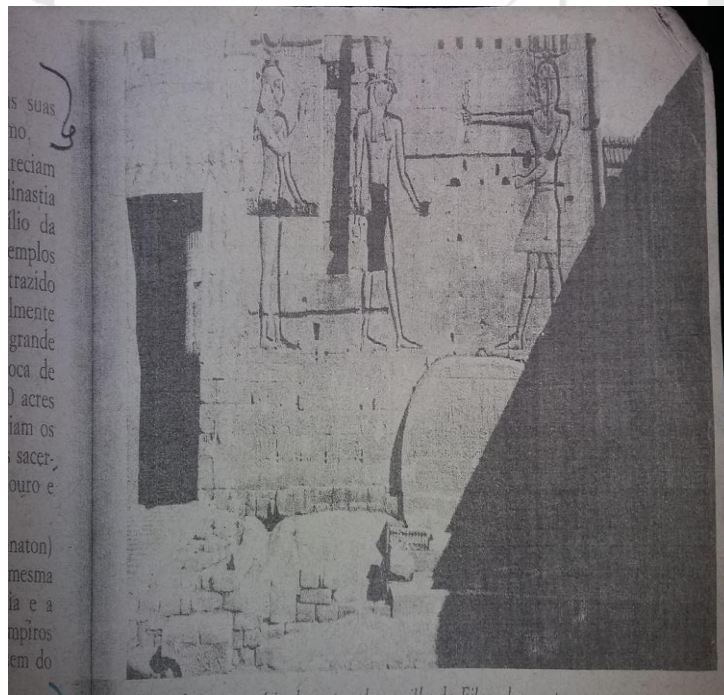


Figura 2. Templo, na ilha de Filae, Santuário dedicado ao deus da cura Imhotep. Outros templos como este dedicado a Imhotep podem ter sido construídos.

O Egito se comunicava com outros povos, os seus vizinhos e essas comunicações eram feitas por tabuletas de barro. Em um dos achados de El-Amarna temos uma mensagem sobre a chegada da

imagem milagrosa da deusa Ishtar, venerada em Nínive, enviada pelo rei Mitani para o rei Amenófis III, com o objetivo de curar o rei que estava enfermo, mesmo com toda a convicção nos deuses os reis do Mediterrâneo ou orientais, importam-se em pedir o envio de médicos que sabiam usar os princípios da medicina racional em vez de pedir o envio de imagens de deuses ou amuletos de proteção, em um contexto das trevas na crença mítica.

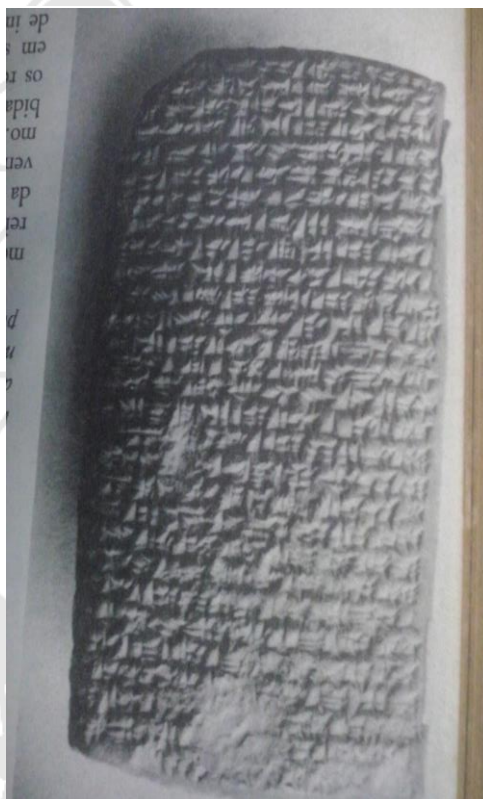


Figura 3. Tabuleta de barro em caracteres cuneiformes se registrava a “correspondência oficial” entre o Egito e os povos vizinhos do Oriente, e se concluir com achados arqueológicos de El-Amarna.

Os indivíduos que viveram em tempos longínquos, o qual foram muitas vezes desenganados por promessas de recuperação de suas doenças e de suas feridas com o uso da medicina. Como solução encontram amparo nos deuses de sua fé, e aos santos, com sacrifícios, orações e milagres.

CONCLUSÕES

Através do estudo dos documentos usados, foi possível levantar a relação existente no Egito Antigo entre as crenças religiosas e a medicina, sendo esta fortemente influenciada por aquela. Apesar de se tratar de uma cultura milenar, podemos ter conhecimento dos seus costumes e das técnicas utilizadas para a cura das enfermidades. Faz-se necessário ter conhecimento de como a

medicina egípcia era praticada, a fim de curar doenças que estão em nossas mentes com o uso de terapias que tratam a mente e podem influenciar na recuperação do corpo e na aquisição do bem estar.

A pesquisa indica que as crenças religiosas do Antigo Egito estavam presentes em todas os setores da sociedade e, a partir disso, podemos promover ações que produzam mudanças em nossos valores, no que diz respeito ao tratamento emocional e mental, podendo provocar transformações em nosso modo de vida.

REFERÊNCIAS

COTRIM, G. **HISTÓRIA:** para o ensino médio Brasil e geral. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2002. 528 p.

EL-NADOURY, R. O legado do Egito faraônico. In: VERCOUTTER, J. **História geral da África:** África antiga. São Carlos: Gamal Mokhtar, 2010. p. 135-139.

Laín, P. **Historia de la Medina.** 1. ed. Barcelona: Salvat, 1978. 722 p.

Maranhão, R.; Antunes, M. F. **Trabalho e civilização:** uma história global. 1. ed. São paulo: Moderna, 1999. 208 p.

NEVES, J. **História Geral:** A construção de um mundo globalizado. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2002. 542 p.

REEVES, C. **Egyptian Medicine:** Princes Risborough: Shire Publications, 2001. 73 p.

THORWALD, J. **O Segredo dos Médicos Antigos.** 2 ed. Melhoramentos, 1990. 319 p.